

ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO E COMPETITIVIDADE INDUSTRIAL: UM ESTUDO DAS MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS DO SETOR ALIMENTÍCIO DA BAHIA

*Jorge Aliomar Barreiros Dantas**

RESUMO — *Procedeu-se à análise dos efeitos que a alavancagem financeira e a do capital próprio produzem na competitividade industrial das médias e grandes empresas alimentícias do Estado da Bahia. O estudo foi realizado no segundo trimestre de 2005, com base no Pacote Estatístico SPSS 9.0, utilizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Os dados foram tratados através de estatística descritiva e testes estatísticos com correlação de Pearson. Os resultados obtidos mostram que as empresas alimentícias são competitivas recorrendo aos recursos próprios e de terceiros, no que se refere: aos investimentos na modernização e em novas tecnologias, aos incentivos e recursos junto às instituições bancárias e à adoção de técnicas organizacionais, como: planejamento e controle da produção e qualidade de fornecedores.*

PALAVRAS-CHAVE: *Empresas alimentícias; Competitividade; Alavancagem financeira.*

1 INTRODUÇÃO

Após o Curso de Doutorado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na qual desenvolvemos trabalho voltado para os fenômenos econômicos e para a competitividade, com enfoque na área de estratégias empresariais, vimos prosseguindo estudos e pesquisas, na condição de docente e de pesquisador do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, no qual se faz notar a necessidade de incentivos e ações para o desenvolvimento pleno dessas atividades.

* Prof. Titular (DCIS/UEFS). Doutor em Administração em Estratégias Empresariais (UFPB). E-mail: jaliomar@uefs.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de CIS.
Tel./Fax (75) 3224-8049 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: cis@uefs.br

Sentimo-nos bastante motivados para o desenvolvimento de estudos em uma área complexa – alavancagem financeira e do capital próprio e a competitividade – e que oferece um campo de análise importante para a observação de fenômenos relativos à indústria. Há de convir que a Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), como um dos agentes responsáveis e preocupados com o potencial de geração de empregos diretos e indiretos, com o volume de recursos injetados na economia, com o auxílio de abertura de empresas e com incentivo na realização de cursos, consultorias, treinamentos de uma parte significativa das empresas, está consolidando um processo de Desenvolvimento Econômico.

Os aspectos que vêm de ser abordados são de extrema importância para o empresariado na medida em que a crise econômica e a concorrência se tornam os elementos cruciais dentro de uma estrutura empresarial. Nesse sentido, mesmo que represente uma redução de lucros, o incremento de aspectos, como, estratégia, capacitação, ambiente, é essencial para as empresas serem mais competitivas. Isso porque somente as empresas com senso de oportunidade, visão de futuro, percepção de contexto, sensibilidade e capacidade de síntese na gestão dos seus negócios apresentam vantagens competitivas em relação às suas congêneres.

Baseado neste contexto, acredita-se que estamos contribuindo com esta pesquisa para a discussão continuada do desempenho das empresas através das suas alavancagens e **como essa influencia na competitividade industrial das médias e grandes empresas do setor alimentício da Bahia.**

Daremos ênfase, portanto, em nossa análise, ao processo de tomada de decisão em que o composto essencial será o endividamento a curto e a longo prazo e o capital próprio disponíveis à indústria para o financiamento de suas operações.

Registra-se que as médias e grandes empresas do setor alimentício da Bahia vêm passando por um processo bastante acelerado de busca de competitividade juntamente à indústria dos demais estados do Brasil. Basta que se diga que, desde 1995, a exemplo do que acontece com as multinacionais PARMALAT, DANONE, NESTLÉ e NABISCO, as grandes empresas

brasileiras também estão se movimentando no intuito de adquirir empresas de médio e grande porte para poder posicionar-se no mercado.

A colocação dessas informações dá origem às seguintes indagações:

- Qual a situação atual das empresas, no que se refere à sua alavancagem financeira e do capital próprio e à competitividade, e que dificuldades vêm enfrentando?
- Como a alavancagem financeira e a do capital próprio influenciam na competitividade industrial das empresas?

Mediante este nosso trabalho, pretendemos: **identificar quais os efeitos que a alavancagem financeira e do capital próprio produzem na competitividade das médias e grandes empresas do Setor Alimentício do Estado da Bahia.**

As indagações que nos provocaram merecem análises profundas e reflexões de vários ângulos, visando ao estudo e à construção dos fenômenos relacionados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CARACTERÍSTICAS DO SETOR ALIMENTÍCIO

O crescimento da indústria teve início em 1912 e, passados 85 anos (até 1997), a indústria de produtos alimentares expandiu sua produção a uma média de 4,0% ao ano. Uma taxa inferior tanto à média da indústria em geral (6,0%), quanto à da indústria de bebidas (5,3%), porém, superior ao crescimento populacional (média de 2,3% ao ano) (ABIA, 1999, p. 4).

O setor industrial, ao longo das duas últimas décadas, experimentou dois períodos bastante distintos. O primeiro, marcado por instabilidade econômica, inflação alta e em incessante ascensão, grave desequilíbrio das contas públicas e dificuldades em fechar o Balanço de Pagamentos, principalmente quanto à problemática questão da dívida externa brasileira. As taxas de crescimento da economia brasileira na década de 80 e início da de 90 tornaram-se inconstantes e a todo momento esbarraram

em problemas políticos ou econômicos ou ambos, que restringiam gravemente o consumo e, principalmente, o investimento privado. O investimento do setor público, por sua vez, diminuiu ano após ano, afetando seriamente a estrutura produtiva brasileira e comprometendo o crescimento futuro da economia em níveis competitivos, tais como o experimentado na década de 70.

A procura por aumento de competitividade começou ainda em 1988 com os acordos comerciais com a Argentina, pelo que as concessões brasileiras mais que beneficiaram nosso vizinho e obrigaram a indústria nacional a competir em desigualdade de condições (ALMEIDA; RIBEIRO, 1999, p. 5-6).

Os produtos alimentares apresentam baixa sensibilidade, significa dizer que o setor fica relativamente salvo de grandes oscilações. Por exemplo, quando em 1990 a indústria geral recuou 8,9% e o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 4,3%, a produção de alimentos cresceu 1,8%, “impedindo um aumento ainda maior nas taxas de desemprego”. Contrariamente, em 1993, 1994 e 1997, a indústria avançou, respectivamente, 7,4%, 7,6% e 3,9%, ao passo que os alimentos industrializados não passaram de um modesto crescimento, de 0,3%, 1,6% e 1,0%, respectivamente. (ver Quadro 1). “É esta característica anti-cíclica, aliada ao grande peso específico que detém na estrutura industrial, que faz da produção de alimentos um setor dinâmico e estratégico” (ABIA, 2000).

Proveniente disso, o grau de correlação de Pearson torna-se baixo na Indústria Alimentícia com o Produto Interno Bruto (18,8%) e a Indústria Geral (-1,3%). Por outro lado, verifica-se, o que normalmente se espera, uma correlação perfeita positiva do crescimento do Produto Interno Bruto e a Indústria Geral (96,8%) (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Taxa de crescimento anual da produção (variação %) 1990-99.

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA	1,8	3,6	-0,1	0,3	1,6	7,7	5,1	1,0	1,3	3,1
Indústria de Bebidas	2,3	18,0	-16,6	7,4	10,4	17,4	-3,3	-0,3	-2,2	0,1
Indústria Geral	-8,9	-2,6	-3,7	7,4	7,6	1,7	1,5	3,9	-2,0	-0,7
PIB	-4,3	1,0	-0,5	4,9	5,9	4,2	2,8	3,7	0,2	0,8

Fonte: IBGE, extraído da ABIA - 2000. A indústria brasileira da alimentação hoje.

Analisando o período dessa amostragem, isto é, 1997/99, constata-se um aumento da participação da indústria alimentícia no PIB, de 9,1% para 9,8%. O que demonstra a força da indústria alimentícia, apesar da desvalorização cambial em janeiro de 1999, pressionando os custos de produção pelo efeito do encarecimento das importações. No entanto, espera-se o incremento do mercado dos alimentos industrializados negociados no mercado interno. No Quadro 2, está demonstrado o aumento do PIB brasileiro na indústria da alimentação.

Quadro 2 - Participação da indústria da alimentação no PIB (US\$ bilhões) 1997/99.

Variáveis	Anos		
	1997	1998	1999
PIB	804,1	777,2	783,6
Indústria da Alimentação	73,1	74,1	76,7
Participação %	9,1	9,5	9,8

Fonte: ABIA - 2000. A indústria brasileira da alimentação hoje.

2.2 COMPETITIVIDADE

Com a perda da importância da indústria norte-americana, no final da década de 70, surge o fenômeno da competitividade como uma preocupação em todo o mundo para a solução de problemas industriais da sociedade moderna. Apesar de inúmeros estudos e pesquisas realizados por várias instituições, a partir daquela época, ainda não existe consenso a respeito da noção de competitividade, em função da diversidade de situações.

Alguns pontos de vista a respeito desse assunto passam a ser considerados.

Competitividade - definida como “a capacidade das empresas de formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhes permitam obter e manter, a longo prazo, posição sustentável no mercado” (ALBUQUERQUE, 1992, p. 18).

Competitividade “pode ser compreendida como a capacidade da empresa de explorar, em seu proveito, a estrutura e os padrões de concorrência do mercado em que atua (ou quer

atuar) e, assim, conseguir rentabilidade a longo prazo” (MARIOTTO, 1991, p. 51). Portanto, competitividade é consequência do grau de foco que o produto conseguiu em relação aos requisitos do mercado e, também, da colocação que a marca está obtendo com suas vantagens competitivas em relação aos concorrentes (LEVY, 1992, p. 187).

Posição competitiva favorável é, para Porter (*apud* MARIOTTO, 1991, p. 42), “uma posição sustentável da empresa para enfrentar as forças da concorrência num dado ramo de negócios, de forma a superar seus rivais em termos de rentabilidade a longo prazo.” A competitividade é praticada com base nas relações entre empresas, visando a formulação e implementação de estratégias para a obtenção de um retorno do investimento proveniente das suas aplicações.

Abordaremos a competitividade como fenômeno, relacionando seus recursos próprios e de terceiros, para isso, adotamos os elementos: **força da concorrência, custos industriais, qualidade e inovação tecnológica**. Essa posição se justifica em virtude de esses indicadores dizerem respeito, em sua inteireza, aos aspectos mais relevantes tratados nas organizações industriais.

A indagação essencial a que se pretende responder é: Como a alavancagem financeira e do capital próprio influenciam na competitividade industrial das médias e grandes empresas do setor alimentício do Estado da Bahia?

A competitividade, a bem da verdade, tem que ser construída e avaliada, diariamente, para cada indicador. Para que se possa, com isso, melhorar e transformar os aspectos globais da empresa, no intuito de obter-se maiores níveis de produtividade e competitividade.

2.3 ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO

2.3.1 ENDIVIDAMENTO

Segundo Gitman (1984, p. 117),

há dois tipos gerais de medidas de endividamento: medidas do grau de endividamento e medidas para honrar as dívidas. O grau de endividamento mede

o montante de dívida em relação a outras grandezas significativas do balanço patrimonial. Duas das medidas mais comumente usadas são (1) o índice de endividamento e (2) o índice exigível – patrimônio líquido. O segundo tipo de medida é a capacidade para honrar as dívidas, medida pelos índices de cobertura que é a capacidade da empresa pagar determinadas obrigações fixas.

2.3.2 DIVIDENDOS

A alavancagem financeira, também, se caracteriza com a utilização de encargos financeiros fixos através do pagamento de dividendos preferenciais. Para Ross (1995, p. 289),

os dividendos pagos aos acionistas representam um retorno ao capital direta ou indiretamente fornecido à empresa pelos acionistas”, ele prossegue discorrendo que uma das suas características é que “o (seu) pagamento pela sociedade anônima não é uma despesa da empresa. Não são dedutíveis para fins de imposto de renda de pessoa jurídica. Em síntese, os dividendos são pagos com os lucros da empresa, depois do imposto de renda.

Portanto, existe uma influência direta dos pagamentos de dividendos (preferenciais) com a alavancagem financeira, maximizando e valorizando os rendimentos das ações junto aos acionistas.

2.3.3 RENTABILIDADE DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO (ROE)

Segundo Gitman (1987, p. 283),

o retorno é medido pelas receitas menos os custos, enquanto o risco é medido pela probabilidade de a empresa tornar-se tecnicamente insolvente (incapaz de pagar suas contas no vencimento). O lucro de uma empresa pode ser aumentado de dois modos: 1) através de um número maior de receitas ou 2) através da redução dos custos. Os custos

podem ser reduzidos, pagando-se menos por um item ou serviço, ou usando-se os recursos existentes de maneira mais eficiente. Qualquer redução nos custos deve aumentar o lucro de uma empresa. O lucro pode também ser aumentado, investindo-se em ativos mais rentáveis, que possam gerar níveis mais elevados de receitas.

Braga (1989, p. 30) faz uma análise teórica do

lucro ou prejuízo de cada período que resulta da confrontação de receitas e despesas, observando-se o regime de competência de exercícios. Tomado isoladamente, o lucro apenas indica o excedente das receitas sobre os custos e despesas incorridos. Podemos comparar o resultado de um exercício social com o obtido no exercício anterior ou com aquele que havia sido projetado e concluir sobre a sua evolução ou sobre o atingimento da meta proposta.

Podemos conceituar rentabilidade como o grau de êxito econômico obtido por uma empresa em relação ao capital nela investido.

Se desejarmos medir exclusivamente a rentabilidade das operações, deveremos relacionar o lucro operacional com o valor do ativo operacional. Com isso estaríamos aferindo a eficiência na gestão dos recursos próprios e de terceiros, independentemente dos custos financeiros e de outros fatores.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como de “natureza exploratória, as quais tentam descobrir (e estabelecer) relações entre fenômenos” (RICHARDSON et al., 1985, p. 17). Assim, foram estabelecidas relações entre a alavancagem financeira e do capital próprio (endividamento, dividendos, retorno sobre o capital próprio) e a competitividade das empresas alimentícias da Bahia, cuja realidade pretendemos descrever, conhecer, identificar e explicar em seus vários aspectos. A idéia é, portanto, realizar um estudo de natureza descritiva e de relação, na tentativa de melhor

compreender as inter-relações empresariais e econômicas referentes àquelas empresas.

Optamos pelo levantamento de dados através de questionário, na forma de entrevistas, para se obter mais rapidez, transparência e objetividade.

Na definição dos indicadores das variáveis da alavancagem financeira e do capital próprio foram levados em consideração:

a) Endividamento

A variável endividamento diz respeito, basicamente, ao capital de terceiros e normalmente é mensurada através de:

- captação via emissão de debêntures
- captação via empréstimos instituições financeiras.

A hipótese que elaboramos para essa variável é que existe uma correlação positiva (direta) entre o endividamento e a alavancagem financeira contribuindo para a competitividade industrial das empresas alimentícias.

b) Dividendos

Uma empresa, principalmente Sociedade Anônima, é, em processo normal, planejada para pagamento de dividendos, caracterizando um investimento e valorização para os acionistas, os seus investimentos se refletem em boas perspectivas para o futuro, conseqüentemente, valorizando as suas ações.

A hipótese básica que elaboramos para essa variável é que o pagamento de dividendos (preferenciais) esteja positivamente relacionado com a alavancagem financeira aumentando, portanto, a competitividade industrial das empresas alimentícias.

c) Retorno sobre o capital próprio (ROE) – 1º Opção

De acordo com Rossi, a variável rentabilidade do capital próprio pode ser definida como a margem líquida **vezes** o giro do ativo total **vezes** o multiplicador do capital próprio, ou seja:

$$\text{ROE} = \text{ML.GAT.MCP}$$

A hipótese básica que elaboramos para a variável rentabilidade em relação a alavancagem financeira é que tem um relacionamento

direto, uma vez que uma empresa com rentabilidade elevada gera normalmente um fluxo intenso de recursos que lhe possibilita prescindir, muitas vezes, de maiores financiamentos.

d) Retorno sobre o capital próprio (ROE) – 2º Opção

A variável ROE é mensurada como sendo o lucro líquido **dividido** pelo patrimônio líquido. Ou seja, para nosso entendimento, é a contribuição que os recursos próprios (lucros retidos) oferece para um incremento no lucro líquido da empresa. Isso acontece quando o Retorno sobre o capital próprio incrementa ocasionando uma rentabilidade maior.

$$\text{ROE} = \text{LL/PL}$$

A hipótese básica que elaboramos para a variável rentabilidade em relação a alavancagem do capital próprio é que tem um relacionamento direto, uma vez que uma empresa com rentabilidade elevada gera, normalmente, um fluxo intenso de recursos que lhe possibilita prescindir, muitas vezes, de maiores lucros retidos.

e) Universo e amostra

O universo definido para o presente estudo constitui-se das médias e grandes empresas do setor de produtos alimentares do Estado da Bahia¹, totalizando 74 (setenta e quatro) empresas.

A amostra definida no estudo corresponderá a 33 (trinta e três) empresas localizadas nas principais cidades da Bahia, tomadas, **intencionalmente**, como aquelas que, em sua maioria, possuem os maiores indicadores do Produto Interno Bruto do estado (ver Quadro 3). Se verificarmos em relação ao PIB industrial, a amostra torna-se mais significativa com 40,48%

¹ Adotamos o critério estabelecido pelo IBGE, baseado no número de empregados, ou seja, Média Empresa é aquela situada na faixa de 100 a 499 empregados e Grande Empresa, de mais de 500 empregados. No entanto, fizemos uma adaptação considerando a Região Nordeste (dimensões limitadas) e estabelecemos de 50 a 250 para MÉDIA EMPRESA e mais de 250 empregados para GRANDE EMPRESA.

Quadro 3 - PIB da Bahia e das principais cidades do estado - 2004.

ESTADOS	PIB - R\$ MILHÕES		Valor adicionado e PIB industrial a preços correntes	
	2002	%	2002	%
Salvador	10.982,60	17,68	2.493,64	10,23
Camaçari	8.362,60	13,47	6.141,77	25,19
Simões Filho	1.476,87	2,38	907,98	3,73
Lauro de Freitas	667,56	1,08	216,34	0,89
Feira de Santana	1.960,71	3,18	593,53	2,44
Juazeiro	849,07	1,37	171,89	0,71
Alagoinhas	586,85	0,95	211,63	0,87
Cachoeira	97,97	0,16	40,60	0,17
São Gonçalo dos Campos	83,73	0,14	37,57	0,15
Conceição da Feira	43,96	0,07	6,13	0,03
Bahia	62.102,75	40,48	24.378,34	44,41

Fonte: SEI/IBGE

As unidades empresariais foram escolhidas através de **amostra aleatória simples** que “consiste em selecionar os elementos da lista completa de referência” (RICHARDSON, 1999, p.162). O cálculo para o “tamanho da amostra para compor as exigências estabelecidas” (p. 170 e 171) envolveu 33 empresas pesquisadas do Estado da Bahia, de maneira tal que a amostra assim constituída pudesse ter, teoricamente, todos os efeitos que reproduzissem as verdadeiras características da população (ver Quadro 4).

Quadro 4 - Universo e amostra das médias e grandes empresas do Estado da Bahia.

Estado	Universo	Amostra real ²	Amostra aleatória simples (fração amostral = 0,49) ³	Fração amostral do estrato real ⁴
Bahia	74	33	36	0,45

Fonte: elaboração própria jul. 2005

² **Amostra real** - consiste em tomar o número de empresas pesquisadas intencionalmente, conforme sua localização geográfica, para a coleta dos dados

³ **Amostra aleatória simples** - consiste em tomar uma fração de amostragem, com base no cálculo estabelecido no erro de estimação e no nível de confiança em relação ao universo da pesquisa.

⁴ Observa-se que a fração amostral dos dados reais (0,45) está bem próxima da fração da amostragem aleatória simples (0,49). Por isso, podemos afirmar que, estatisticamente, não existe diferença significativa entre a Fração Amostral Aleatória e a Fração Amostral do Estrato Real.

O tamanho da amostra para populações finitas (amostragem aleatória simples) é calculado da seguinte forma:

$$n = s^2 \cdot p \cdot q \cdot N / E(N-1) + s^2 \cdot p \cdot q$$

Onde:

n = Tamanho da amostra

s^2 = Nível de confiança (escolhido, em número de desvios –sigmas)

p = Proporção da característica pesquisada no universo, calculado em percentagem.

q = 100 - p (em percentagem)

N = Tamanho da população

E^2 = *Erro de estimação permitido* (RICHARDSON, 1999, p. 170,171).

Consideração:

O nível de confiança é de 68%, equivale a 1s

Considerando-se que a proporção que as empresas utilizam recursos de terceiros é desconhecida, precisa-se supor a situação mais desfavorável (que não utiliza recursos de terceiros). Portanto p = 0,50 e q = 1,0 – 0,5 = 0,50

N = 74 empresas alimentícias

E^2 = 6%

Cálculo:

$$n = 1^2 \times 0,50 \times 0,50 \times 74 / (0,06)^2 \times (74 - 1) + 1 \times 0,50 \times 0,50$$

$$n = 1^2 \times 0,50 \times 0,50 \times 74 / (0,06)^2 \times (73) + 1 \times 0,50 \times 0,50$$

$$n = 36 \text{ empresas}$$

Posteriormente, calculamos a “fração de amostragem (n/N) [que] é a razão entre o tamanho da amostra (n) e o tamanho da população (N)” (RICHARDSON, 1999, p. 162-171).

$$FA = \text{fração amostral} \quad FA = n/N = 33/74 = 0,45$$

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO, ASPECTOS PRODUTIVOS E CONCORRENCIAIS

4.1.1 Investimento na modernização e Tipo de Sociedade

A pesquisa envolveu 33 empresas, dentre as quais, 24 são médias e 09 são grandes empresas alimentícias. Entrevistaram-se 33 pessoas, todas ligadas diretamente às decisões financeiras das empresas pesquisadas.

A maioria das empresas pesquisadas é de Quotas de Responsabilidade Ltda, ou, 6,1% são S. A. capital aberto, 18,2% são S. A. capital fechado e 75,8% são Ltda.

Constata-se que a busca da competitividade da indústria alimentícia está relacionada com a modernização do setor produtivo, fato comprovado por um percentual de 97,0% (Tabela 1) para as médias e grandes empresas.

A modernização no setor alimentício evoluiu de forma a dar sustentabilidade, equilíbrio e lucratividade, permitindo um desenvolvimento permanente e eficiente dos processos produtivos e das concorrências, gerando, assim, formas eficazes de produção, comercialização e exportação de produtos, com obtenção de divisas para o Brasil.

Tabela 1 - Investimento na modernização do setor produtivo, segundo o porte da empresa.

Porte de empresas	Investimentos na modernização do setor produtivo					
	Não		Sim		Total	
	N	%	%	n	N	%
Médias Empresas	1	4,2	23	95,8	24	100,0
Grandes Empresas	-	-	09	100,0	09	100,0
Total	1	3,0	32	97,0	33	100,0

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.1.2 Fonte de captação de recursos

Verifica-se um alto percentual (56,3%) das empresas alimentícias que contraíram **empréstimo bancário** os recursos obtidos em curto prazo e em longo prazo para financiar os seus investimentos permanentes e o seu crescimento, o que reforça a idéia que a alavancagem financeira ocasiona a modernização bem como aumenta a competitividade industrial das empresas alimentícias.

A **emissão de debêntures** é uma prática utilizada mais em empresas americanas, como forma de captação de recursos de terceiros. No Brasil, já se começa a utilizar essa fonte de recursos de forma muito tímida. Na Bahia, nenhuma das 33 empresas pesquisadas utiliza a emissão de debêntures, mostrando a pouca importância e atratividade das empresas para esse tipo de obtenção de recursos.

Vale ressaltar que a **emissão de debêntures** barateia o custo de financiamento em relação às instituições bancárias e fortalece a empresa junto aos seus investidores.

A **emissão de ações** apresentou apenas uma (01) empresa devido, basicamente, ao número reduzido de empresas de Sociedade Anônima de capital aberto.

E finalmente, com a utilização de 65,6% de **recursos próprios**, entende-se que não existe uma política de financiamento previamente definida para as empresas, para atender às dificuldades que são uma constante para obtenção desses recursos. Grande parte das empresas acha muito difícil e arriscado estabelecer uma relação maior de capital de terceiro/capital próprio em função das condições político-econômicas, principalmente pelo acesso a linhas de crédito para investimentos, restritiva e às vezes ocasional, pelas elevadas taxas de juros, com alta volatilidade, e dos novos projetos com baixas taxas de retorno sobre investimento e limitação de recursos dos agentes financeiros, os quais fazem com que uma parte significativa do empresariado do setor alimentício recorra exclusivamente aos recursos próprios.

Portanto, números significativos de empresas utilizam recursos próprios para financiar seus ativos e seu crescimento, tendo como fonte de recursos os lucros retidos e as novas integrações de capital. Com base nos dados abaixo, a conclusão é que

existe diferença significativa entre a captação de recursos (terceiros e próprios) e o porte (médias e grandes empresas através do quadrado $c^2_{\text{calculado}} = 7,436 > c^2_{\text{tabelado}} = 3,84$ com 1 gl).

Tabela 2 – Fonte de captação de recursos, segundo o porte da empresa.

Porte de empresas	Fonte de captação de recursos					
	Recursos terceiros (bancário)		Recursos Próprios		Total	
	N	%	n	%	N	%
Médias Empresas	10	43,5	15	65,2	23	71,9
Grandes Empresas	08	88,9	6	66,7	9	28,1
Total	18	56,3	21	65,6	32	100

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.1.3 Impacto da alavancagem financeira e do capital próprio na competitividade

Algumas empresas alimentícias (21) utilizam o capital próprio como causadoras de transformações em suas atividades operacionais e gerenciais e, conseqüentemente, exercem influência sobre a competitividade (81%). Isso mostra a habilidade com que a empresa utiliza recursos próprios, para financiar seus ativos fixos e até outras atividades espontâneas e imediatas resultantes naturais dos negócios. (vide Tabela 3).

Por outro lado, existe um número significativo de 17 empresas que orientam estratégias de ação no que tange a política de financiamento, estando aquém das necessidades das empresas em função das condições desfavoráveis da economia e de projetos com baixas taxas de retorno sobre o investimento e alto custo de capital de terceiros, levando o empresariado a ser receoso e cauteloso na solicitação desses recursos.

Existem, também, em grande percentual, empresas do tipo Sociedade Anônima que não distribuem dividendos aos seus

acionistas, o que pode provocar baixa aceitabilidade e negociação no mercado de capitais, influenciando diretamente na competitividade da empresa (25,0%).

Todavia, a utilização desses recursos de terceiros, provocou nas empresas uma boa competitividade (80,0%), assim como um bom retorno do capital próprio (80,0%) (vide Tabela 3).

Tabela 3 - Impactos que a alavancagem financeira e a do capital próprio provocaram na competitividade das indústrias alimentícias.

Indicadores da alavancagem financeira e do capital próprio		Competitividade					
		Ruim		Indiferente		Bom	
		N	%	N	%	N	%
Recursos terceiros							
.Endividamento		3	75,0	3	33,3	12	80,0
.Dividendos		1	25,0	4	44,4	1	6,7
.Retorno sobre o capital próprio (ROE)							
		2	50,0	4	44,4	12	80,0
Total casos válidos		4	100	9	100	15	100
Recursos próprios * ROE		1	4,8	3	14,3	17	81,0

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.1.4 Principais preocupações das empresas alimentícias

A maior preocupação das indústrias alimentícias do Estado da Bahia é a concorrência interna (54,5%), Tabela 4. Infere-se que essa preocupação volta-se, constantemente, da empresa de estar sempre “à frente do seu concorrente, suplantando todas as dificuldades, para ganhar vantagens competitivas”.

Existe, uma média preocupação (32,3%) com o aumento das taxas de juros a longo prazo, o que se evidencia nos altos percentuais, conforme Tabela 4, das constantes preocupações do empresariado das empresas alimentícias, uma vez que o aumento dessas taxas diminui os investimentos e a lucratividade, fazendo do mercado um processo sem atrativo e de pouca perspectiva a longo prazo.

Há, também, uma permanente preocupação com a injeção dos investimentos em modernização (22,2%), o que pode significar

ganhos de controles acionários e de decisão, refletindo, substancialmente, no desempenho gerencial da organização.

Tabela 4 - Preocupação das empresas em termos de: concorrência, importação, modernização e investimentos, segundo sua intensidade.

Itens	GP		MP		PP		Total	
	n	%	N	%	N	%	n	%
1. Concorrência interna (Brasil)	18	54,5	4	12,9	4	14,8	26	100
2. Concorrência externa	1	3,0	3	9,7	1	3,7	5	100
3. Concorrência interna e externa	3	9,1	0	0	2	7,4	5	100
4. Modernização/racionalização	4	12,1	7	22,6	6	22,2	17	100
5. Diversificação/Expansão	3	9,1	2	6,5	7	25,9	12	100
6. Fusões e aquisições	1	3,0	2	6,5	2	7,4	5	100
7. Investimentos estrangeiros	0	0	3	9,7	0	0	3	100
8. Aumento das taxas de juros a longo prazo	3	9,1	10	32,3	4	14,8	17	100
Total casos válidos	33	100	31	100	27	100		

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

Obs: GP = Grande preocupação, MP = Média preocupação, PP = Pequena preocupação.

4.1.5 Relacionamento das forças da concorrência com o mercado

Os diretores/administradores das empresas alimentícias relataram, em suas observações durante a entrevista, estabelecer estratégias de relacionamento mais amplas com os **concorrentes atuais**, saudável e respeitosamente. Isso ficou comprovado pelo elevado percentual de 116,3 % das respostas registradas como regular e bom. Em relação aos **fornecedores**, esses deixaram transparecer o intuito de realizar compras que oferecessem as melhores condições a cada momento, sem que isso, no entanto, constituísse uma estratégia, uma vez que essa deve ser a prática do seu dia-a-dia. Esses bons relacionamentos não deixam de ser indícios positivos de competitividade industrial.

Das quatro (04) variáveis apresentadas, um dos melhores relacionamentos é apresentado pelos **compradores** (71,4%), (Tabela 5). Justifica-se esse resultado pelos itens que satisfazem os interesses dos compradores, por exemplo: preços menores, eficiência na assistência técnica, durabilidade do produto, menores prazos de entrega e conteúdo tecnológico.

Tabela 5 - Relacionamento do mercado das empresas alimentícias com as forças da concorrência.

Forças da Concorrência	Regular		Bom		Ótimo	
	N	%	N	%	n	%
Concorrentes atuais	11	55,0	19	61,3	2	14,3
Fornecedores	4	20,0	18	58,1	11	78,6
Compradores	2	10,0	21	67,7	10	71,4
Novos concorrentes	15	75,0	11	35,5	0	0,0
Total casos válidos	20	100	31	100	14	100

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.2 ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO E ASPECTOS DE CUSTOS

4.2.1 Custos mais significativos nas empresas alimentícias

A utilização de indicadores baseados na aquisição tecnológica (65,8%), que implica maior grau de automação da empresa, deve ser analisada com certa precaução no caso da indústria alimentícia. Os investimentos intensivos em capital e tecnologia podem não ser a alternativa mais viável economicamente, principalmente para as empresas nacionais, em função da relação entre os custos dos equipamentos e a redução na quantidade da mão-de-obra que os diferentes graus de automação proporcionam. Por outro lado, há de se convir que a procura pela qualidade dos produtos e a modernização do parque industrial constituem formas de elevar o grau de competitividade global da empresa.

Os custos financeiros como os da matéria-prima foram os mais significativos, detectando o cuidado que as empresas alimentícias têm no pagamento e obtenção de seus compromissos e obrigações, como também na compra e obtenção de sua matéria-prima. Os custos financeiros tiveram um percentual 78,1%, em detrimento das altas taxas de juros praticadas no mercado, e os custos de matéria-prima, 81,3%. Podem-se enumerar vários fatores que os tornam mais elevados:

- a) atender grau de exigência dos clientes;
- b) busca de qualidade do produto;

- c) atender pedido, principalmente, para exportação;
- d) compra de matéria-prima externa ao estado de origem.

Tabela 6 - Custos significativos nas empresas alimentícias.

Custos significativos na empresa	N	%
Aquisição tecnológica	21	65,8
Treinamento/seleção	14	43,8
Marketing	13	40,8
Financeiro	25	78,1
Matérias-primas	26	81,3
Total casos válidos	32	100

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.2.2 Incentivos que favorecem a indústria alimentícia

Percebe-se que **os incentivos para captação de recursos junto às instituições bancárias e a captação junto ao Governo Estadual e Federal** referem-se a 56,3% e 68,8%, respectivamente.

Vale ressaltar uma inobservância dos dirigentes empresariais pelas linhas de crédito subsidiado na obtenção de recursos de terceiros (linhas especiais de financiamento tipo FINAME, FNE, FINOR, etc) a taxas bem inferiores a que o mercado paga para o capital próprio (vide Tabela 7).

O que, efetivamente, observou-se de um dirigente empresarial, foi que a prática adotada pelo governo do Estado da Bahia em descontar o ICMS antecipadamente, desestimula e inibe, substancialmente, ss atividades industriais.

Tabela 7 - Incentivos que favorecem às empresas alimentícias.

Incentivos que favorecem	N	%
1. A captação de recursos junto às instituições bancárias	9	56,3
2. A captação de recursos junto ao governo (Estadual, Federal).	11	68,8
3. Ao pagamento de dividendos aos acionistas	0	0
4. A captação de recursos via emissão de ações	2	12,5
5. A captação de recursos externos (dólar, libra, euro, etc).	3	18,8
Total casos válidos	16	100

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.3 ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO E ASPECTOS DE QUALIDADE

4.3.1 Qualificação da mão-de-obra na produção

Observa-se que o percentual utilizado em mão-de-obra na produção mediante recursos próprios é descrito através das seguintes médias: qualificação alta (8,1%), qualificação média (53,9%) e qualificação baixa (38,1%). Há uma perspectiva do aumento da qualificação média, tendo em vista as rápidas transformações atuais, aumentando as ansiedades e as necessidades dos trabalhadores por modernização e por novas técnicas de administração e produção e indicando, assim, grande interesse por parte da empresa e dos empregados.

Contudo, sem a alta qualificação solidificada, as empresas perdem a capacidade de adicionar valor às atividades realizadas e, conseqüentemente, perdem poder de competitividade de atuação no mercado.

Não se constatou qualquer indício de aplicação de recursos provenientes de capital de terceiros para qualificação da mão-de-obra na produção.

Outro aspecto que merece destaque é a correlação altamente significativa expressa pelo coeficiente de correlação de Pearson ($r = -0,881$) entre as qualificações médias e as baixas, utilizada na produção. Isso significa que existem boas perspectivas para as empresas alimentícias, a partir do instante em que essas empresas se propõem a oferecer capacitação aos funcionários, em termos de treinamentos interno e externo. Isso, provavelmente, melhorará a qualificação média e, conforme a correlação, reduzirá a baixa qualificação. (vide Tabela 8).

Tabela 8 - Qualificação da mão-de-obra na produção com recursos próprios, segundo a estatística descritiva.

Qualificação da mão-de-obra	Estatísticas (%)				
	Média	Mediana	Desvio-padrão	Variância	Coeficiente de Variação (CV)
Qualificação Alta	8,1	0,0	16,1	260,7	1,99
Qualificação Média	53,9	60,0	30,3	915,4	0,56
Qualificação Baixa	38,1	30,0	32,0	1023,3	0,84

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.3.2 Técnicas produtivas adotadas na empresa

Os dirigentes empresariais não vêem a alocação de recursos de terceiros para o melhoramento das técnicas produtivas.

Nota-se, no entanto, que a aplicação de recursos próprios no controle da produção, da qualidade e de fornecedores oferece percentuais acima de 72,7%, indicadores que constituem elementos de integração do processo produtivo, como maneira de elevar, globalmente, o grau de competitividade.

Por outro lado, a limitação de técnicas organizacionais como: métodos de tempos e movimentos, sistema “just-in-time” e ISO 9000 comprometem o desempenho e a competitividade das empresas (Tabela 9).

Tabela 9 - Técnicas organizacionais adotadas nas empresas alimentícias.

ITENS	Não		Não adota, mas é necessário.		Sim	
	n	%	n	%	n	%
Planejamento da produção	4	12,5	-	-	29	87,9
Controle de produção	2	6,3	-	-	31	93,9
Controle de qualidade na produção	-	-	-	-	33	100
Controle de qualidade de fornecedores	5	15,6	4	40,0	24	72,7
Métodos de tempos e movimentos	18	56,3	2	20,0	13	39,4
Utiliza o sistema just-in-time	11	34,4	2	20,0	19	57,6
ISO 9.000	30	93,8	2	20,0	1	3,0
Total casos válidos	32	100	10	100	33	100

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.3.3 Influências dos recursos próprios e de terceiros na elaboração de estratégias competitivas

Quando abordados sobre a influência do capital próprio na **melhoria da qualidade**, os recursos próprios apresentam percentuais elevados de 64,2%, o que reflete a preocupação permanente das empresas alimentícias em se aperfeiçoarem e, também, em renovar o processo de **diferenciação do produto**, quando há o surgimento de novas tecnologias e técnicas organizacionais.

Essas vantagens competitivas devem ser aperfeiçoadas a fim de a empresa se mostrar mais competitiva perante os outros concorrentes, tendo como elementos essenciais a capacidade de inovação e de flexibilidade, para operar competitivamente no mercado. (Tabela 10).

Tabela 10 - Influência da alavancagem do capital próprio nos dois atributos mais importantes na elaboração da estratégia competitiva

Tabela 10 -Influência da alavancagem do capital próprio nos dois atributos mais importantes na elaboração da estratégia competitiva.

Estratégia competitiva – atributos	Alavancagem do capital próprio
	Recursos próprios (%)
1. Melhoria de Qualidade	64,2
2. Diferenciação do produto	53,1

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.4 IMPACTO DA ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO NOS ASPECTOS TEMPORAIS, INOVATIVOS E ESTRATÉGICOS DAS EMPRESAS ALIMENTÍCIAS

Enfatiza-se que, das empresas que utilizam recursos próprios, os atributos analisados mais importantes foram: pontualidade na entrega de produtos (58,7%), investimentos em novas tecnologias (25,8%) e elevada produtividade (21,8%). No entanto, das que utilizam recursos de terceiros, sobressaem: elevada produtividade (41%), investimentos em novas tecnologias (29%) e modernização (24,5%). (Vide Tabela 11). Nesse caso, não importa a origem dos recursos (próprios e de terceiros), o que importa são os atributos para o desenvolvimento eficiente das organizações alimentícias.

Tabela 11 -Impacto da alavancagem financeira e do capital próprio nos três aspectos mais importantes da inovação da empresa.

Alavancagem financeira e do capital próprio			
Atributos	Recursos próprios (%)	Atributos	Recursos de terceiros (%)
1. Pontualidade na entrega de produtos	58,7%	1. Elevada produtividade	41%
2. Investimentos em novas tecnologias	25,8%	2. Investimentos em novas tecnologias	29%
3. Elevada produtividade	21,8%	3. Modernização	24,5%
Total de casos válidos	26	Total de casos válidos	10

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

4.4.1 Os pontos fortes que a alavancagem financeira proporciona da indústria alimentícia

A utilização de recursos de terceiros se dá intensa e fortemente nos investimentos em **máquinas modernas** (Tabela 12), com 85,4%, o que intensifica o argumento que as empresas precisam destinar mais recursos aos investimentos em treinamento/ seleção, na pesquisa e na diversificação de novos produtos e na expansão do emprego.

Outro elemento forte para se **eleva a produtividade** (28,6%), Tabela 12, é presença na empresa tanto de máquinas atualizadas quanto de pessoal treinado para o desempenho eficiente de suas atividades. Para isso, a empresa necessita de recursos.

A **matéria-prima** constitui um atributo muito forte (33,3%), conforme Tabela 12. A preocupação sob esse aspecto revela-se, principalmente, nas estratégias de compra de insumos, em que a principal motivação concentra-se na procura por preços menores. Infere-se que, aumentando a eficiência na utilização das **matérias-primas**, tem-se um leque de vantagens de que as empresas poderão usufruir, como:

- a) oferta de um preço menor aos clientes ou consumidores;
- b) maior produtividade proveniente da utilização de matérias-primas de qualidade;
- c) maior aceitação da marca, em virtude da origem da matéria-prima.

Tabela 12 – Pontos mais fortes que a alavancagem financeira proporciona na empresa.

Pontos fortes	Intensidade (%)			
	Muito forte	Forte	Menos forte	Total
1. Máquinas modernas	61,9	-	23,5	85,4
2. Controle de custos de produção	23,8	9,5	-	33,3
3. Produtividade	4,8	23,8		28,6
4. Matéria-prima	-	9,5	23,5	33,0

Fonte: Pesquisa direta, mai./jun. 2005.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Expõem-se, neste capítulo, as principais conclusões em relação à estatística descritiva e às correlações de Pearson. Os resultados apresentados oferecem contribuições à literatura sobre o assunto, no sentido de aprofundar os conhecimentos acerca da relação alavancagem financeira e do capital próprio e competitividade industrial das empresas alimentícias do Estado da Bahia.

5.1 ALAVANCAGEM FINANCEIRA E DO CAPITAL PRÓPRIO E COMPETITIVIDADE INDUSTRIAL - ESTATÍSTICA DESCRITIVA

No que se refere ao **objetivo específico**, isto é, determinar o grau de influência da alavancagem financeira e do capital próprio na competitividade industrial, sob os aspectos concorrenciais e produtivos, de custos industriais, de qualidade e estratégicos/ inovativos, as conclusões passam a ser relatadas.

5.1.1 Aspectos concorrenciais e produtivos

1. Os recursos próprios e de terceiros tiveram papel essencial para o incremento, de forma significativa nos investimentos e na modernização do setor produtivo das empresas alimentícias.

2. Ocorrem duas posições nitidamente claras: a obtenção de recursos via empréstimos bancários (18 empresas) e recursos próprios (21 empresas). Essas posições provocaram muitas

transformações nos aspectos gerenciais/administrativos e produtivos, deixando claro que as empresas utilizam seus lucros para grande parte dos investimentos (Tabela 2).

3. Os recursos de terceiros contribuíram de forma efetiva para uma melhor competitividade da empresa através do endividamento (80%) e do retorno sobre o capital próprio (80%) e os recursos próprios através do retorno do capital próprio (81%) (Vide Tabela 3).

4. As empresas alimentícias da Bahia estão mais preocupadas com a concorrência interna (54,5%) e com as taxas de juros de longo prazo (32,3%), o que significa que essas empresas estão à procura permanente da modernização e de novas tecnologias para suplantarem seus concorrentes, assim como do custo do dinheiro, para atenderem a investimentos para modernização.

5. As forças de concorrência apresentam um desempenho de bom a ótimo, no que se refere aos concorrentes atuais, aos fornecedores e aos compradores. Esses constituem elementos norteadores para a empresa crescer competitivamente, tendo, como princípios, a ética, o bom relacionamento e o atendimento de seus serviços/produtos.

Assim, a alavancagem financeira e a do capital próprio contribuem, efetivamente, com as forças produtivas e concorrenciais das empresas alimentícias da Bahia.

5.1.2 Aspectos de custos industriais

1 As empresas alimentícias deverão fazer esforços de controlar e reduzir os custos financeiros e de matéria-prima, o que pode garantir a preservação de seus lucros, crescimento e vendas, melhorando o desempenho industrial e a competitividade do setor.

2 A captação de recursos, junto às instituições bancárias e ao governo Estadual e Federal, fizeram com que especialmente as grandes empresas investissem, prioritariamente, na modernização do setor produtivo (Tabela 7).

Assim, não se confirma a hipótese que a alavancagem financeira influencia na redução dos custos e, principalmente, na modernização tecnológica em detrimento da necessidade de recursos externos.

5.1.3 Aspectos de qualidade

1 Há predominância total de recursos próprios nos investimentos em mão-de-obra qualificada ao nível das Gerências e Diretorias, da mesma forma que na qualificação da mão-de-obra na produção, sendo que as empresas de alimentos apresentaram um razoável desempenho, tendo uma média de 57% de trabalhadores com qualificação média. Isso demonstra que as empresas já estão começando a investir em recursos humanos, tendo em vista a evolução da sofisticação tecnológica que faz com que as empresas procurem funcionários qualificados e hábeis para manuseio de máquinas programáveis e tecnologicamente avançadas.

2 Verifica-se que, na elaboração das estratégias competitivas, os recursos próprios foram relevantes na **melhoria da qualidade e na diferenciação do produto** (TAB.10). Isso demonstra que as empresas estão muito preocupadas em aumentar o faturamento e a margem de lucro, não deixando o foco principal que é a qualidade dos produtos fabricados.

De maneira geral, a alavancagem financeira e a do capital próprio tiveram influência direta e positiva na melhoria da qualidade dos produtos decorrente do melhoramento do processo produtivo e da qualidade, da capacitação dos funcionários, e da adoção eficiente de técnicas organizacionais (Tabela 1, 8, 9 e 10).

5.1 ASPECTOS ESTRATÉGICOS/INOVATIVOS

1 Os aspectos estratégicos e inovativos associados aos recursos próprios e de terceiros (grandes empresas) ocasionaram transformação no parque industrial do segmento de alimentos, no que se refere: a) à **elevação da produtividade, investimentos de novas tecnologias e modernização**, os quais tiveram influência no melhoramento da produção, inovação e competitividade; b) à **pontualidade na entrega de produtos e informatização**, elementos alavancadores das atividades operacionais e gerenciais das organizações.

2 A alavancagem financeira é, prioritariamente, destinada às aquisições de máquinas modernas (85,4%), controle de custos de produção (33,3%) e à elevada produtividade (28,6%), traduzindo-se em elevação dos níveis industriais em competitividade (Tabela 12).

Assim, a utilização de recursos próprios e de terceiros teve uma influência positiva no processo de inovações, fazendo com que melhorasse a qualidade dos produtos.

5.2 SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES

As idéias que se expõem neste relatório poderão servir de direcionamento para linhas de pesquisa no sentido de identificação mais precisa dos fatores influenciadores do capital próprio e de terceiros, estabelecendo relações com estratégias e competitividade das empresas brasileiras privadas.

O pressuposto é que esta pesquisa tenha apontado diretrizes para estudos acerca dos determinantes da estrutura de capital e suas variáveis, no sentido de detectar a melhor estrutura para um desempenho satisfatório das empresas bem como a influência da alavancagem financeira na rentabilidade das empresas.

Faz-se necessário e urgente novos estudos no campo do crescimento interno e sustentável e da expansão das empresas industriais brasileiras. Recomenda-se estudos complementares nos diversos setores da economia, envolvendo variáveis e indicadores, utilizando como recursos:

- a) conjunto maior de empresas;
- b) conjunto de empresas de outros estados e/ou regiões;
- c) conjunto de dois ou mais setores da economia;
- d) conjunto de empresas utilizando mais dados quantitativos do que qualitativos.

Recomendam-se, também, estudos do setor alimentício, englobando empresas sucroalcooleiros (usinas de cana-de-açúcar e álcool) e bebidas.

O aprofundamento das discussões com referência ao setor alimentício certamente permitirá uma melhor compreensão dos

fenômenos estudados, em função do que se poderão traçar, mais clara e objetivamente, estratégias e políticas de desenvolvimento das empresas, do referido setor, significando, portanto, uma contribuição com um referencial prático/teórico destinada à comunidade científica (professores, estudantes, outros profissionais e estudiosos).

FINANCIAL AND OWNER'S EQUITY LEVERAGE AND INDUSTRIAL COMPETITIVENESS: A STUDY OF THE MEDIUM AND LARGE COMPANIES OF THE FOOD SECTOR IN THE STATE OF BAHIA

ABSTRACT — *It was proceeded an analysis of the effects that the financial leverage and of the equity capital produce on competitiveness of medium and large food industries in the state of Bahia. The study was carried through the trimester of 2005, on the basis of the statistical package SPSS 9.0, used for the State University of Feira of Santana. The data were studied through descriptive statistics and statistical tests with Pearson's correlation. The results obtained show that the food industries are competitive applying their own resources and others as follows: The investment of the modernization and on new technology, to the incentives and resources along with bank institutions and to the adoption of organization of techniques such: production control planning and and quality of suppliers.*

KEY WORDS: *Food industries; Competitiveness; Financial leverage.*

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão de. Competitividade em recursos humanos. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 27, n.4, p 18, 1992.

ALMEIDA, Amílcar Figueira Lacerda de; RIBEIRO, Denis. **O mercado brasileiro de alimentos industrializados: produção e demanda: situação atual e perspectivas.** São Paulo: ABIA, 1999.

ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão de. Competitividade em recursos humanos. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 27, n.4, p 18, 1992.

Sitientibus, Feira de Santana, n.32, p.43-71, jan./jun. 2005

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO (ABIA). **A indústria brasileira da alimentação hoje**. São Paulo, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DA ALIMENTAÇÃO (ABIA). **Investimentos da indústria da alimentação de 1995 a 2000**. São Paulo, 1999.

BRAGA, Roberto. **Fundamentos e técnicas de Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1989.

DANTAS, Jorge Aliomar Barreiros. **Influências da medidas econômicas na competitividade industrial das médias e grandes empresas do setor alimentício dos estados da Bahia, Pernambuco Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte**. 2001. Tese (Doutorado em Estratégias Empresariais). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração financeira**. 3. ed. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1984.

LEVY, Alberto R. **Competitividade organizacional**. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1992.

LOPES, José Carlos. Quem tem medo da competitividade? **Caderno de pesquisa em Administração**, São Paulo, v.1, n.3, p. 94-102, 2. sem. 1996.

MARIOTTO, Fábio L. O Conceito de competitividade da empresa: uma análise crítica. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 31 n.2. p.37-52. abr./jun. 1991.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1995.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Brandford D. **Princípios da Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1998.